



VERUS  
EDITORA

Audrey Carlan

0.  
*primeiro* DIA  
DOS **NAMORADOS**

um conto da série

A  
*garota* DO  
**CALENDÁRIO**

*Audrey Carlan*

0.  
*primeiro* DIA  
DOS **NAMORADOS**



um conto da série

*A*  
*garota* DO  
**CALENDÁRIO**

**Tradução**

Andréia Barboza

1ª edição

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2017



VERUS  
EDITORA

**Editora**

Raïssa Castro

**Coordenadora editorial**

Ana Paula Gomes

**Copidesque**

Lígia Alves

**Revisão**

Ana Paula Gomes

**Capa e projeto gráfico**

André S. Tavares da Silva

**Foto da capa**

© AS Inc/Shutterstock

**Título original***A Valentine's Day Interlude*

ISBN: 978-85-7686-642-8

Copyright © Audrey Carlan, 2016

Todos os direitos reservados.



Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

**Verus Editora Ltda.**

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | [www.veruseditora.com.br](http://www.veruseditora.com.br)**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

C278p

Carlan, Audrey

O primeiro Dia dos Namorados [recurso eletrônico]: um conto / Audrey Carlan; tradução Andréia Barboza. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2017.  
recurso digital

Tradução de: A Valentine's Day Interlude

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7686-642-8 (recurso eletrônico)

1. Conto americano. 2. Livros eletrônicos. I. Barboza, Andréia. II. Título.

17-44082

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Revisado conforme o novo acordo ortográfico

# Sumário

Conto



— É sério? Você não vai me contar para onde estamos indo? — Eu segurava a mão de Wes enquanto ele me levava para um jatinho particular. Ele não tinha um avião, como o meu irmão podre de rico, mas havia fretado um para nos levar a um destino desconhecido, em torno do qual havia feito provocações a semana toda.

Wes balançou a cabeça.

— Confie em mim.

Seu rosto estava iluminado de alegria, algo que eu adorava ver.

Desde o nosso casamento, seis semanas antes, ele estava muito mais próximo do homem por quem eu tinha me apaixonado. Os demônios que se infiltraram em sua vida no mês de setembro, por causa do sequestro, se esvaíam lentamente a cada dia. Meu objetivo de vida passara a ser aniquilar aqueles monstros, sendo uma esposa solidária, amiga e, o mais importante, enchendo-o de amor. Wes sempre me dizia que eu era a pessoa mais importante do mundo para ele, seu talismã, e eu levava esse papel a sério.

Suspirei e me sentei na poltrona de couro macia. Wes guardou nossa bagagem de mão e depois se acomodou ao meu lado. A única comissária de bordo entrou na cabine, carregando duas taças de champanhe cheias do que presumi ser suco de laranja.

— Mimosas? — Estendeu as bebidas para nós.

Wes e eu pegamos.

— Obrigada.

Quando ela saiu, Wes se virou para mim com os olhos verdes brilhando.

— Feliz Dia dos Namorados, linda.

Sorri e toquei sua taça com a minha.

— Feliz Dia dos Namorados. Agora você vai me dizer para onde estamos indo?

Ele agitou as sobrancelhas e sorriu.

— Não. Só relaxa e aproveite a bebida. Vamos chegar ao nosso destino em breve.

— Tudo bem. — Apertei os lábios e olhei pela janela. Wes tinha me deixado acordada até tarde na noite anterior, nua e enrolada nele, em uma comemoração pré-Dia dos Namorados, então um cochilo cairia bem. Fechei os olhos e reclinei a poltrona o suficiente para tirar a tensão do pescoço. Em pouco tempo, apaguei.



— Ei, linda, acorda. Chegamos.

Um toque leve como pluma deslizou da minha testa até a lateral do rosto. Antes que eu pudesse acordar por completo, senti uma pressão úmida nos lábios. Sorri e retribuí o beijo do meu homem. O cheiro praiano de sal, mar e musk atingiu minhas narinas, e eu aprofundei o beijo, abrindo a boca e lambendo a de Wes. Humm. Ele tinha sabor de suco de laranja com uma pitada de açúcar.

Wes grunhiu, mergulhando a língua mais fundo para alcançar a minha. Colocou as mãos nas minhas bochechas e entrelaçou os dedos no meu cabelo. Eu tinha deixado solto hoje, caindo sobre os ombros, sabendo que meu marido gostava dele bem natural e livre. Wes dizia que minhas mechas compridas pediam para ser acariciadas. Eu gostava dessa resposta pavloviana e fazia um esforço para saciar meu desejo pelo toque dele.

Mais algumas carícias da sua língua, uma mordiscada final no meu lábio inferior e ele se afastou. Seus olhos escureceram e o maxilar se apertou.

— Caramba, você me deixa louco. — Ele passou a mão no cabelo e puxou a raiz.

Eu adorava quando ele fazia isso. Era um sinal de que estava prestes a perder o controle.

Peguei sua mão e beijei a palma.

— Igualzinho a você, baby.

— Vem, vamos almoçar. Nós temos um dia cheio pela frente. — Ele enganchou a mão na minha e me ajudou a ficar de pé.

Sem saber para onde íamos, eu tinha colocado uma calça jeans justa com rasgos estratégicos na coxa e no joelho. Ela vestia como uma segunda pele, e, toda vez que eu a usava, Wes não conseguia manter os olhos nem as mãos longe da minha bunda. Mais um motivo pelo qual esse era o meu jeans favorito.

Combinei a calça com uma blusa frente única branca, que amarrava no pescoço e cujas tiras longas caíam nas minhas costas. Para completar o visual, coloquei um suéter grosso de tricô. Escondido embaixo de botas de camurça incríveis com salto de cinco centímetros, havia um par de meias do Dia dos Namorados. Esse foi o meu primeiro presente. Wes conhecia e curtiava o meu gosto por meias temáticas e incentivava regularmente essa minha insanidade.

Meu presente para ele foi um boquete caprichado de bom-dia, usando todas as minhas habilidades. Nem preciso dizer que meu marido ficou bem impressionado. E ainda mais feliz quando dei a ele uma cueca boxer com a mensagem “Propriedade da Mia” estampada atrás.

Sem demora, ele vestiu a cueca e me presenteou com a visão do seu traseiro lindo revestido de puro algodão. Apertei sua bunda e dei um tapa... com força.

— Ai! Gostou? — Ele balançou o traseiro. Parecia um dançarino dos cliques de rap do meu amigo Anton.

Eu tinha de admitir: ele rebojava muito bem.

— Amei. — Dei um sorriso e fui tomar banho.

Wes me trouxe de volta ao momento presente, no nosso avião alugado. Segurou meu queixo, virou meu rosto e me deu um beijo rápido nos lábios.

— Bem-vinda a San Francisco, linda.

— San Francisco! — gritei e dei um pulinho antes de puxá-lo para um abraço. — Eu queria tanto vir pra cá!

Ele abriu um sorriso enorme, que me permitiu ver todos os seus dentes brancos perolados.

— Eu sei. Vamos. Tem um almoço nos esperando, e com uma vista maravilhosa.



Desembarcamos, e um Porsche Cayman preto excepcional estava parado na pista. Um homem entregou as chaves a Wes. Os dois trocaram algumas palavras, algo como “até amanhã”, depois meu marido abriu a porta do passageiro para mim e colocou nossa bagagem no porta-malas. E partimos!

Fiquei olhando para o oceano Pacífico e para a paisagem da cidade enquanto passávamos. Feliz por seguir o fluxo e deixar meu homem cuidar de tudo, me acomodei e relaxei. Em pouco tempo chegamos a um prédio branco com as palavras “Cliff House” no alto. Se eu tivesse de adivinhar, diria que o prédio era antigo mas tinha sido reformado, pois a fachada pintada de branco era impecável. O restaurante ficava na beira de um penhasco. Literalmente. Se eu não soubesse como funcionava, pensaria que metade do lugar levitava sobre o mar.

Sáímos do carro e Wes segurou minha mão. Prendi a sua para impedir que ele entrasse muito depressa no restaurante. Eu queria que nós curtíssemos o oceano juntos um pouquinho. Wes percebeu, parou atrás de mim, envolveu os braços ao meu redor, o peito nas minhas costas, e se aconchegou no meu pescoço.

— Que lindo — comentei. Olhávamos para o Pacífico todos os dias, mas aqui era diferente. De um azul mais escuro, e o vento era mais frio que ao sul.

— Quase tão lindo quanto você — ele murmurou no meu pescoço antes de deixar um caminho de beijos, começando pelo meu ombro e seguindo até a área sensível atrás da orelha.

A região entre minhas coxas latejou com a carícia suave. Apertei as mãos sobre os antebraços dele e me recostei, sabendo que meu marido me seguraria firme.

— É melhor tomar cuidado. Você está cutucando a onça com vara curta, e sabe como ela fica selvagem quando está maluca por você — provoquei.

Ele riu na minha orelha, se afastou um pouco e bateu na minha bunda.

— Vem, sua gostosa. Você vai ter o seu... mais tarde. Prometo.

Assenti e me deixei conduzir, mais que disposta a segui-lo para onde quer que ele planejasse ir.

O restaurante era absolutamente luxuoso. Todas as mesas tinham vista para a paisagem, e todas elas estavam ocupadas — exceto uma, no canto mais distante, com o melhor visual. As janelas iam do chão ao teto, proporcionando aos clientes uma visão completa do mar e dos penhascos lá embaixo. As pedras ficavam sob o restaurante, como sentinelas guardando o prédio. As ondas batiam nelas, criando uma explosão branca e espumosa que desaparecia quase tão rapidamente quanto chegava.

— Inacreditável — sussurrei, os olhos colados no horizonte.

Wes ergueu minha mão de cima da mesa e a levou aos lábios.

— Espere até provar a sopa de marisco. É de comer rezando.

— Nem preciso do cardápio. Escolha o que você acha que eu vou gostar. Confio em você.

Ele sorriu e fez o pedido das bebidas, uma entrada de frutos do mar e sopa de marisco na tigela de pão.

Wes não tinha exagerado. A sopa era... De. Comer. Rezando. No meio da refeição, ele franziu a testa e olhou para o oceano.

— O que foi, baby? — perguntei.

Ele encolheu os ombros, limpou a boca e se recostou na cadeira.

— Lembra quando nós conversamos sobre o filme e o que eu iria fazer com ele?

Assenti e tomei uma grande colherada da sopa. Cremosa, com a proporção certa de mariscos. Divina.

— Pensei muito no que você falou. Fazer do filme algo a mais. Todo mundo concordou. Nós estamos iniciando a Fundação Código de Honra, que vai viabilizar ajuda para as pessoas que perderam entes queridos para aquela tragédia. Fundos para alimentação, abrigo, dívidas, até bolsas de estudos para a faculdade.

Meu sorriso com a notícia devia estar enorme, porque cheguei a sentir dor nas bochechas.

— Wes... — ofeguei, a emoção obstruindo minha garganta, como se eu estivesse com a boca cheia de algodão. — Isso é incrível. Estou muito orgulhosa de você por tomar essa decisão. Você encontrou uma maneira de usar o filme para fazer o bem.

Ele assentiu.

— Sim. Eu chamei a família de todos os colegas que perdemos. Conversei com as pessoas que eles mais amavam no mundo. Expliquei o conceito e contei que os lucros do filme, tirando as despesas da produção, vão ser destinados à fundação. E sabe de uma coisa?

Apoiei os cotovelos sobre o linho branco e me inclinei, esperando ansiosamente pelas próximas palavras.

— Eles adoraram a ideia. Todo mundo chorou, e olha só... me *agradeceram*. Por tirar algo de bom dessa tragédia. — Ele balançou a cabeça. A pele ao redor dos seus olhos se enrugou. — Eles me agradeceram, Mia. E foi por minha causa que eles perderam um familiar.

Rapidamente, movi minha cadeira até o ponto onde nossos joelhos se tocavam. Segurei seu rosto e olhei atentamente para seus olhos vidrados e torturados.

— Baby, escuta. Você sabe que não teve culpa pela morte deles. Eles escolheram aquele trabalho. Escolheram filmar com você, concordaram com a sua ideia e com a escolha da locação. Todos eles estavam nessa. Os terroristas que machucaram aqueles homens e mulheres vão ter que prestar contas a Deus pelo que fizeram. Você não. Entendeu?

Ele assentiu, mas sua linguagem corporal me dizia que não concordava.

— Não, me escute com atenção. Você precisa seguir em frente, baby. Essa cruz que você está carregando não é sua.

Ele se encolheu e inclinou a testa contra a minha.

— Obrigado. — Suspirou.

— Por quê, baby? — murmurei contra o rosto dele.

— Por ser você. Por conhecer tudo sobre mim e continuar me amando.

A conversa estava profunda demais para aquele lugar, aquele dia, mas precisava acontecer. Esfreguei a testa contra a dele, abaixei seu queixo com a barba por fazer e o beijei. Coloquei tanta energia de cura, amor e esperança no beijo quanto possível, sem me importar com as pessoas ao redor. Ele era meu marido e estava sofrendo. Como sua mulher, meu dever era curá-lo.

E funcionou, porque ele envolveu os braços musculosos em mim e me beijou profundamente.

O garçom veio enquanto estávamos no meio do beijo e limpou a garganta. Wes se afastou de mim apenas dois centímetros.

— A conta, por favor — disse e voltou a me beijar.



Nossa próxima parada me deixou sem fôlego. Wes estacionou o Porsche na encosta de uma montanha. Sim, uma montanha. Cruzamos a Ponte Golden Gate sobre a água, subindo pela lateral, e paramos em um ponto de observação perfeito. Lá, ele saiu do carro. O vento esvoaçou seu cabelo, deixando-o emaranhado. Isso não seria bom para minhas mechas longas, então peguei um elástico que tinha no pulso e fiz um rabo de cavalo.

Wes abriu minha porta com a animação de uma criança que vai entrar em um parque de diversões pela primeira vez. Mas não estávamos em um parque, e sim em um mirante com vista para toda a cidade de San Francisco. Segurei a mão do meu marido enquanto ele me levava até a grade. Mais uma vez, ele ficou atrás de mim e me abraçou. Eu me recostei nele e observei a vista. A Golden Gate, em toda a sua glória, sobre a baía de San Francisco. Seus feixes vermelhos brilhavam ao sol da tarde. Uma camada de névoa atravessava as águas agitadas abaixo dela, proporcionando uma vibração etérea e delicada.

— Como você conheceu este lugar? — Eu me aconcheguei ainda mais de encontro a ele.

Wes me apertou em seus braços e se inclinou para o meu pescoço, se aproximando da minha orelha. Ele gostava de apoiar minhas costas de encontro ao seu corpo, me abraçando por trás. Era sua posição preferida quando estávamos juntos. Isso confirmava a ideia de que ele sempre me protegeria, uma atitude que eu apreciava mais do que estava disposta a admitir.

Wes roçou o nariz frio na pele quente do meu pescoço. Um arrepio ondulou pela minha coluna.

— Eu já vi imagens deste ângulo em tantas fotos. Então pesquisei um pouco e descobri que só precisava pegar a saída para Marin Headlands e seguir por ela até a colina para encontrar outros pontos de observação. Gostou?

— É perfeito. Eu vou lembrar disso pra sempre.

— Você quer dizer que vai lembrar de mim pra sempre — ele respondeu.

Sorri e revirei os olhos. Ele não conseguiu ver da posição em que estava, mas tenho certeza de que sentiu o riso reverberar através de mim e o movimento do meu rosto.

— Que meloso!

— É nada! — Beijou minha bochecha. — É uma coisa nossa.

— Nós somos melosos? — Eu me virei para olhar em seus olhos. À luz do sol, eles brilhavam com um tom impressionante de esmeralda. Todos os dias eu me perguntava como havia sido tão abençoada. Por ter esse homem na minha vida, me protegendo, comprometido comigo... Isso sempre me surpreendia. Era algo que eu nunca iria subestimar.

Dessa vez ele sorriu antes de me virar em seu abraço, então nós nos encaramos. Seus traços se tornaram suaves e seus olhos irradiavam luz e amor.

— Sabe, parece clichê, mas você foi a melhor coisa que já me aconteceu. Quem diria que, quando a minha mãe me arranjou uma acompanhante para tirar as interesseiras da minha cola, eu iria me apaixonar por ela?

Coloquei os braços em volta do seu pescoço e me inclinei para absorver o meu Wes. Tudo nele desafiava a realidade. Bonito, inteligente, rico, atlético, generoso e, o melhor de tudo, ele me amava. Me amava de verdade, de um jeito que eu achava que nunca iria compreender completamente.

— Wes, você me preenche — sussurrei.

Um sorriso malicioso passou por seus lábios. Bati em seu peito.

— Que mente poluída!

Ele respondeu rindo.

— Você que tem a mente poluída. Foi você que disse que eu te preencho.

Juntei as mãos com mais firmeza em seu pescoço, assim ele poderia me sentir de verdade.

— Falando sério, você faz exatamente isso. Você fortaleceu os meus pontos fracos, colou todas as rachaduras do meu coração e me ensinou a amar de novo. Me ensinou a ser amada.

Enquanto falava, pensei mais sobre isso. No ano anterior, Alec, o meu francês, tinha me ensinado a me amar. Mas Wes, o homem com quem eu prometi passar o resto da vida, me ensinou o valor de amar outra pessoa completamente e com todo o meu ser.

Wes me abraçou mais forte.

— Linda... eu acho que nós ensinamos um ao outro.  
Ele estava certo. Ensinamos mesmo.



Wes e eu permanecemos aconchegados na montanha, olhando para a cidade e para a ponte, sem falar nada, como os recém-casados apaixonados que éramos. Passamos uma boa hora aproveitando o tempo juntos antes de ele me girar e dizer que tínhamos um compromisso e precisávamos ir embora.

Ele dirigiu pelas ruas de San Francisco como um piloto de Fórmula 1 e foi em direção a Berkeley, a cidade universitária conhecida pelos hippies que gostavam de abraçar árvores e comer granola. Pelo menos era isso que eu pensava. Entramos na Telegraph Street, cheia de lojinhas e barraquinhas de artesanato. Eu não via a hora de sair do carro e conhecer os itens singulares.

— Vamos dar uma olhada nas barracas? Eu queria comprar uma lembrancinha para a nossa casa.

Ele sorriu, segurou minha mão e a levou aos lábios.

— Nós temos uns quarenta minutos, depois temos que correr.

Saí do carro e fui até a barraca de cerâmica mais próxima. Cada peça me chamava para tocá-la, e eu deslizava os dedos pelas bordas feitas à mão. As texturas e as paletas de cores eram arrojadas e encantadoras. Wes se aproximou e olhou algumas delas antes de beijar minha bochecha e se afastar para outra barraca.

Antes de os quarenta minutos acabarem, estávamos cheios de sacolas. Pulseiras de contas e brincos feitos à mão que comprei para Ginelle, Maddy e Cyndi. Uma ferradura bacana, com “Califórnia” gravado, para Max. Um dos artesãos fazia bonecas e bichinhos, e eu comprei alguns para os filhos de Max. Mas a melhor peça foi o vaso de vitral que arrematei para a nossa casa. Ficaria perfeito na mesa de jantar.

— Está pronta, linda? Chegamos.

Parei onde estava, diante de uma barraca de cristais, e olhei ao redor. Atrás de mim estava a Telegraph Tattoo, à esquerda uma loja indiana que vendia tecidos de sári, e à direita uma pizzaria chamada Fat Slice. Estreitei os olhos.

— Chegamos aonde?

Ele balançou o polegar para o estúdio de tatuagem.

— Vamos.

— Amor, não entendi. — Deslizei a mão na dele.

Wes apertou minha mão e me conduziu pela escada. No instante em que entrei, soube que alguma coisa estava acontecendo. Não acreditei nos meus olhos quando eles focaram a mulher que caminhava em minha direção.

— Mask! Meu Deus! O que você está fazendo aqui? — Abracei a pequena asiática que eu conhecera em Washington e que tinha feito a tatuagem no meu pé. Seus lábios tinham um tom vivo de vermelho, e o cabelo ainda era preso com firmeza em um coque baixo elegante. — Eu ia te procurar quando fosse para a costa Leste.

Ela abriu um sorriso animado.

— O seu marido me contou que você queria terminar a tattoo, mas eu me mudei. O meu namorado é o dono deste lugar. Eu planejei me mudar no segundo em que ele colocou a aliança no meu dedo. — Ela levantou a mão, e um diamante quadrado brilhou sob a luz.

— Perfeito. — Segurei sua mão e examinei o anel.

Wes colocou o braço na minha cintura, me curvando para o lado.

— Surpresa. Agora você pode terminar a tatuagem. E eu marquei uma hora pra mim com o namorado dela.

Eu me virei e coloquei as mãos em seu peitoral firme.

— Você vai fazer uma tatuagem? — Meu estômago se aqueceu e o calor subiu pela minha coluna em uma carícia sensual. A ideia de ver meu homem tatuar seu corpo dourado me deu água na boca.

Ele sorriu, me puxou para perto e nossos peitos se tocaram. Meus mamilos se apertaram e endureceram com a atenção. Eu os rocei contra ele uma vez, em um movimento calculado que ele conhecia muito bem. Seus olhos brilharam enquanto ele segurava minhas bochechas.

— Sim, eu vou fazer uma tatuagem. — Ele sorriu e umedeceu os lábios.

Eu queria lambê-los também. Muito. Me concentrei naquele pedaço de pele úmida e olhei para Wes, pensando no meu próximo passo.

— O que você vai fazer?

Ele entrelaçou os dedos no meu cabelo.

— Uma árvore da vida. Vou colocar nos galhos as iniciais dos homens que nós perdemos, assim vou ter um lembrete físico deles. Não quero nunca esquecer aquelas pessoas.

Fechei os olhos e o abracei, me erguendo na ponta dos pés para beijá-lo de leve antes de encostar a bochecha na dele. Ele encaixou o rosto em meu pescoço — um gesto muito familiar para mim. Wes estava se estabilizando comigo. Eu seria isso para ele. Sua estabilidade. Eu seria qualquer coisa para ele.

— Baby... — sussurrei. — Que ideia linda.

— Você achou? — Sua voz soou grave.

Assenti, colei os lábios rapidamente nos dele e, em seguida, me afastei.

— Vamos lá. Estamos prontos, Mask.



No hotel, mergulhei em uma banheira de espuma cheia até a borda. Deixei o pé pendurado para fora, já que a tatuadora me orientou a não mergulhá-lo pelas próximas semanas. Ainda assim, depois de um dia cheio e muito emocionante, eu precisava de um alívio mental. Movi o tornozelo para o lado, ergui o pé e o apoiei sobre o joelho para poder olhar para a tatuagem. Mask não demorou muito para adicionar novas pétalas com as iniciais, que se entrelaçavam com o dente-de-leão. Eu a fiz adicionar “Max” e “Mad”, homenageando meus irmãos. Além disso, mandei escrever “LL”, de Latin Lovah, e Gin, em homenagem à minha vaca favorita e melhor amiga da vida, Ginelle. Com o passar dos anos, haveria mais iniciais de pessoas que tocaram minha vida, mas por enquanto essas eram as mais importantes.

Wes entrou no banheiro e eu arqueei as sobrancelhas. Ele piscou e sorriu quando parou na frente da pia como um deus do sol, passando os dedos pelas camadas loiro-escuras do cabelo. Caramba, meu marido era lindo demais. Umedeci os lábios e absorvi tudo o que era meu — para eu ter, pegar e apreciar. Wes lavou as mãos, e eu assisti como se fosse um show particular. Ele usava apenas a cueca com a brincadeira do Dia dos Namorados que eu comprei. Estava bem visível em seu traseiro a frase boba que eu tinha

escolhido, reivindicando aquela maravilha como minha propriedade. Sorri e mordisquei o lábio.

— Tem um pouco de baba escorrendo no seu queixo, linda.

Ele tinha uma expressão sorridente no rosto. Decidi que o observaria, e foi o que fiz. Seu corpo era a perfeição masculina. Pernas longas e musculosas e coxas que subiam para uma cintura afinada. O V perfeito, que deixava as mulheres bobas, era marcado por pelinhos que seguiam para dentro da cueca. O peito... Ah, cara, eu poderia escrever mil poemas sobre ele. Eu devia fazer um quadro de beleza masculina para o programa do dr. Hoffman e usar meu marido como modelo.

No segundo em que esse pensamento me atingiu, eu o exterminei com uma espingarda mental. De jeito nenhum eu deixaria milhões de mulheres babarem pelo meu homem. Já bastavam as fotos que os paparazzi idiotas tiravam dele. Desde o sequestro isso tinha diminuído um pouco, mas o fato de Gina DeLuca ter desaparecido das telonas não ajudou. Mesmo que Wes não soubesse onde ela estava. A mulher sumiu, deixando bilhetes para as pessoas mais importantes da sua vida, explicando que iria embora por um tempo a fim de se encontrar. Disso eu entendia. Meu pai tinha feito o mesmo. No caso dele, foi uma atitude covarde. No caso de Gina... Bem, eu não diria que não fiquei feliz por ela e Wes não estarem mais juntos todos os dias. Posso ser a mulher dele, mas isso não muda o fato de que eles tiveram um caso antes da experiência trágica na Indonésia. E eu faço o que for preciso para mantê-lo interessado em mim e só em mim. Ponto-final. Não tenho vergonha nenhuma disso.

— Mia, estou falando sério. Se você continuar a me olhar desse jeito, vou tomar uma providência. — Sua voz era um resmungo endurecido.

Em vez de esfriar meus olhares, decidi que preferia jogar sujo. Apesar de estar em uma banheira de espuma que não havia sido feita para dois.

Wes inclinou a cabeça para o lado e depois se virou, encostando o traseiro na pia.

— Você acha que eu estou brincando.

Fiz beicinho e balancei a cabeça, fingindo recato.

— Não, baby, não acho. — Enquanto o encarava, levantei as duas mãos e toquei a clavícula, girando os indicadores ao longo do osso.

— Mia... — ele grunhiu.

Sua posição e o aperto dos punhos me disseram que ele estava prestando muita atenção às minhas mãos.

— Humm? — Fechei os olhos e deslizei as mãos para cobrir os seios. Meus mamilos se eriçaram no meio dos dedos ensaboados. Suspirei, apertando os dois simultaneamente.

— Porra — Wes falou entre os dentes cerrados e com o maxilar tensionado.

Deixei uma mão escorregar pelas costelas, sobre a barriga e em direção ao ponto que pulsava entre minhas coxas. Mesmo embaixo d'água, meu sexo estava escorregadio quando o toquei.

— Ah... hummm — soltei.

O eco da respiração pesada de Wes preencheu o banheiro. Eu o encarei e um instante de excitação rasgou meu núcleo. Ao mesmo tempo em que olhava sua beleza masculina, enfiei dois dedos no meu centro e gemi.

Wes também gemeu. Seu pau estava grosso, grande e muito ereto. Ele colocou a mão em volta do comprimento sob a cueca e o acariciou, com movimentos para cima e para baixo, tirando a ponta para fora. Uma gota de líquido pré-ejaculatório brilhava ali, e eu sentia mais necessidade de provar aquela porção perolada da sua excitação do que de atingir meu próprio clímax, coisa que não estava muito longe de acontecer.

— Baby, por favor... — ofeguei, o prazer consumindo minhas cordas vocais, o pedido me fazendo soar como uma raposa com fome de sexo.

Em dois passos, Wes alcançou a banheira, se curvou e me puxou para fora, com um braço enganchado debaixo dos meus joelhos e o outro nas minhas costas. A água escorria pelo meu corpo enquanto ele me levava dali. Coloquei os braços ao redor do seu pescoço. Em algum momento, Wes apoiou meu traseiro molhado na bancada de granito, abriu minhas pernas e colou os lábios nos meus. Ele segurou minha nuca com uma das mãos e levou a outra entre as minhas pernas, até entrar em mim e ficar lá. Bem *ali*, e foi muito bom. Caramba, como foi. Ofeguei quando ele usou dois dedos para abrir meus lábios inferiores. Seu pau se encaixou mais, entrando fundo. E funcionou. Ah, senhor, como funcionou.

— Você gosta de me provocar, né? Vou te comer com força, pra que você saiba exatamente o que acontece quando brinca assim com o seu marido. — Ele se afastou até que só a ponta do pau estivesse dentro de mim, e então

entrou de novo. Ao mesmo tempo, segurou meus quadris e empurrou meu traseiro para a frente, me prendendo à sua ereção.

Gemi alto para que Wes, as paredes de azulejo e qualquer outra coisa me ouvisse enquanto ele me penetrava. Meu traseiro deslizou contra o balcão, fazendo barulho. Ele deu impulso para me foder mais rápido, a espuma do banho aumentando a lubrificação e me fazendo deslizar com mais facilidade, seu membro entrando e saindo de mim.

Os ruídos animais e carnais provenientes do meu marido me estimularam e me deixaram zonga de luxúria. As cores piscaram atrás das minhas pálpebras, e eu fiz a única coisa que podia fazer quando Wes ficava louco por mim. Me segurei.

Cada impulso era de fazer a terra tremer, cada vez que ele se afastava me deixava louca, até eu alcançar um espaço em que só havia amor e prazer. Wes foi o único homem que me levou a alturas tão libidinosas. Eu nem saberia descrever se tentasse.

Ele grunhiu em meu pescoço.

— Vai, Mia. Não se atreva a segurar. Eu quero agora... Vem comigo, linda. Goza. Comigo.

Ele mordeu a pele sensível do meu pescoço enquanto seus quadris faziam movimentos de vaivém, apagando todos os pensamentos além dele. Eu estava enrolada no meu marido, a caminho de um orgasmo magnífico. Tudo estava certo no mundo da Mia.

Movi os quadris e dei o que ele queria. Uma onda de calor me atravessou enquanto Wes se movimentava contra meu sexo. Uma de suas mãos segurou minha bunda até a beirada da pia, enquanto a outra agarrava minha nuca, assim eu não bateria a cabeça no espelho. Meu corpo inteiro tensionou. Prendi as pernas ao redor da sua cintura e o segurei contra mim quando as ondas do orgasmo o atravessaram. Lindo demais.

Por uns bons cinco minutos, Wes remexeu os quadris em movimentos preguiçosos, o pau ainda semiereto. Pequenos tremores ondulavam sobre meus poros e pela ponta dos meus dedos com a pressão de pele sobre pele. Foi quando o beijo começou. Quando meu marido achava que havia sido muito intenso ou ido longe demais enquanto fazíamos amor, me enchia de beijos e carícias suaves depois. Não reclamei, porque ele me beijou em todos os lugares.

Abaixando meus braços, mordiscou e sugou a ponta dos dedos, então foi subindo pela parte interna dos braços, até dar atenção ao pescoço, aos seios e ao tórax. Usou as mãos para massagear a tensão nas minhas coxas, quadris e costas até eu estar mole feito macarrão.

Eu me apoiei contra o espelho quando Wes ligou a água quente e umedeceu uma toalha de rosto, então limpou a área entre minhas pernas. Estremeci enquanto ele cuidava de mim. Meu homem era tão doce. Lindo, gentil, robusto, descolado, viril, provedor e amoroso. Mas eu adorava quando seu lado animal se mostrava, porque sempre era seguido por esse lado fofo. Eu amava todas as facetas do meu marido, e agora, mais do que nunca, precisava demonstrar isso.

Quando ele jogou a toalha na pia, levantei as mãos e as coloquei ao redor do seu pescoço, usando os calcanhares para puxá-lo para mais perto, assim eu poderia me mover de encontro a ele.

— Eu te amo, Wes. Eu não poderia ter desejado um homem mais perfeito pra mim.

Ele fechou os olhos e encostou a testa na minha.

— Mia, o jeito que eu te amo... — Ele balançou a cabeça. — Você é tudo pra mim. Até ficarmos velhinhos e grisalhos.

Eu sorri.

— Você também é tudo pra mim. Agora que me deixou saciada e com sono, o que você vai fazer comigo?

Minha barriga aproveitou aquele momento para roncar.

Wes riu e beijou meu nariz.

— Bom, como já alimentamos a minha fera, acho que é hora de alimentar a sua, né?

Eu ri e o puxei para mais perto do meu corpo nu, um calafrio abrindo caminho pela minha coluna.

— Eu amo a sua fera tanto quanto amo você.

Meu marido prendeu as mãos ao redor da minha bunda e me levou para o quarto, onde me deixou deslizar pelo seu corpo. Seu pau se agitou, e eu apontei para ele.

— Ei, você já teve o seu — brinquei, fingindo repreendê-lo.

Wes ergueu um roupão de cetim creme com seus braços grandes.

— Você está dando uma bronca no meu pau? — Ele sorriu.

— Ué, alguém precisa fazer isso. Essa coisa tem vida própria, e eu estou morrendo de fome. Vamos pedir serviço de quarto ou sair?

Wes se virou para o armário, tirou a cueca do Dia dos Namorados e eu mordisquei o lábio ao olhar para sua bunda. A pele era um pouco mais clara que o restante do corpo, já que ele passava muito tempo no mar vestindo calção ou roupa de mergulho. Apesar da cor pálida, era muito gostoso. Enquanto eu babava pelo seu traseiro, ele pegou uma calça de pijama de cetim preto. Parecia que eu não seria a única a me vestir com sofisticação naquela noite.

— Já pedi o jantar pelo serviço de quarto. Filé, batatas, salada e o seu vinho favorito. Vem, já está servido.

Ele me levou para a sala de estar da grande suíte, onde uma mesa estava arrumada com flores, louça e utensílios de cristal. Ao redor da sala, havia velas acesas, de diferentes formas e tamanhos.

Olhei com admiração.

— Quando foi que você arranjou tudo isso?

Ele sorriu.

— Linda, você ficou bastante tempo na banheira. Vem.

Ele estendeu a mão para mim e então puxou a cadeira. Em seguida me serviu uma quantidade enorme de vinho tinto. O rótulo indicava que era um zinfandel da vinícola Rombauer. Não era o mais caro que eu já tinha bebido, mas provavelmente custava uns cinquenta dólares, o que, para mim, era um valor absurdo por uma garrafa. Já Wes chamava aquilo de vinho de mesa, mas não me criticava pela minha falta de classe. Se havia uma coisa de que o meu homem gostava, era isso. Ele adorava o fato de eu ser o tipo de mulher que pode passar pelo drive-thru do Taco Bell com a mesma facilidade com que senta para jantar num restaurante estrelado.

Assim que ele se sentou, notei que havia tirado o papel-filme que o tatuador colocara no seu antebraço, onde a tatuagem verde e preta havia sido feita. Peguei sua mão e a girei para ver o desenho. A árvore da vida começava no cotovelo, com raízes espinhosas, feitas com linhas pretas e finas. Dentro dessas linhas, na base da árvore, estava escrito “Mia”. Eu já tinha dito que me preocupava que o fato de termos o nome um do outro tatuado pudesse dar

azar, mas ele simplesmente riu. Então me disse que, quando seus pensamentos começavam a se perder e ele precisava de uma lembrança do que era importante na vida, queria olhar para a árvore e me ver bem na raiz. Para ele, eu era o motivo do seu viver. A base de tudo que importava. Wes também acreditava que eu era a razão pela qual ele conseguira sair com vida daquela tragédia.

Tracei meu nome com a ponta do dedo. A pele estava inchada, assim como a minha. O tronco da árvore era largo e subia pelo antebraço, onde os ramos se formavam. Cada um continha as iniciais de um homem que ele havia perdido. De um amigo que ele havia perdido. Lindas folhas verdes e pretas se entrelaçavam nos ramos. O tatuador acrescentou pontos em amarelo, laranja e vermelho nas folhas para dar pequenas explosões de cor.

— É tão detalhada. Você gostou? — perguntei.

Os olhos de Wes estavam nublados e tristes.

— Sim. Mas não estou feliz com o motivo de ter feito essa tatuagem.

— É compreensível. Mas achei uma homenagem maravilhosa. — Eu me inclinei para a frente e dei beijos leves em toda a pele recém-marcada.

E era isso. Eu não queria dar mais espaço ao sofrimento e à tristeza pelos quais havíamos passado. O Dia dos Namorados foi feito para os amantes. Pelo menos era o que eu sempre tinha ouvido. Esse era o meu primeiro Dia dos Namorados com meu marido, e até agora estava sendo incomparável.

Eu me inclinei para trás, permitindo que o robe mostrasse minhas pernas nuas até a virilha. Wes captou o movimento e pareceu acariciar a extensão de pele da ponta dos pés até o calor no meu centro com apenas um olhar.

Querendo desviar sua atenção da minha nudez embaixo do robe, pelo menos por enquanto, levantei minha taça. Wes me imitou.

— Então, a que vamos brindar? — perguntei.

— Pelo menos uma vez, vamos brindar a nós dois. Vamos ser completamente egoístas e fazer com que este e tantos outros dias que temos pela frente tenham a ver com a gente e mais ninguém. Vamos prometer sempre colocar um ao outro e o nosso casamento acima de qualquer coisa.

Olhei em seus olhos, vi todo o amor que as últimas semanas tinham nos trazido e sorri.

— Eu não poderia concordar mais. A nós, baby.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

## Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "(A Garota do Calendário #12.5) O Prime..." e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

### Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

**COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS**

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).